Dos cinemas de rua à produção: memorial do documentário de curta metragem "Tempo de Projeção"[1]

Lívia Corrêa Pinto de SOUZA[2]
Tiago José Lemos MONTEIRO[3]

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Nilópolis, RJ

Resumo
Este artigo tem por objetivo servir de memorial descritivo relacionado ao processo de produção do documentário de curta metragem "Tempo de Projeção", que propõe uma discussão sobre os cinemas de rua nos tempos atuais, abordando desde seu processo de idealização às etapas e desafios da produção audiovisual independente. Sendo o documentário um desdobramento do projeto de pesquisa "Entre palácios, poeiras e memórias: os cinemas de rua da Baixada Fluminense" optou-se neste artigo por discorrer inicialmente sobre a pesquisa que se fez necessária à produção, abordando a história dos cinemas de rua da região da baixada fluminense e seus resultados, contemplando assim toda a trajetória subjacente à realização do curta.

Palavras-chave: Produção audiovisual; Cinemas de rua; Baixada Fluminense.

Considerações Iniciais

A produção do documentário de curta metragem "Tempo de Projeção" (Título provisório) em relação ao qual este artigo serve de memorial, começa em 2011 com o projeto "Entre palácios, poeiras e memórias: os cinemas de rua da Baixada Fluminense" orientado pelo professor Tiago José Lemos Monteiro e tendo como bolsistas PIBIC os alunos Leandro de Souza Santos Luz e Raphaela Machado de Souza Siqueira, ambos pertencentes ao curso de Produção Cultural do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). A supracitada pesquisa foi, ainda, contemplada pelo edital FAPERJ nº 14/2011 de "Apoio à Produção e Divulgação das Artes no Estado do Rio de Janeiro – 2011", e contou com suporte financeiro concedido pelo próprio IFRJ através de programas como o Prociência. Em 2012, passo integrar o projeto como voluntária. O projeto tinha como um de seus objetivos realizar um documentário a respeito de seu tema inicial: cinemas de rua da Baixada Fluminense. Dada a dimensão da região da Baixada Fluminense (apresentada com mais detalhes ao decorrer deste artigo), limitou-se o projeto a

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso Bacharelado em Produção Cultural do IFRJ - Nilópolis, email: liviacorreasouza@gmail.com

[3] Orientador do trabalho. Professor do Curso Bacharelado em Produção Cultural do IFRJ - Nilópolis, email: tiago.monteiro@ifrj.edu.br

utilizar como seu objeto de estudo o município de Nova Iguaçu. Este artigo expõe a história dos cinemas de Nova Iguaçu apresentando como o seu surgimento e decadência estão ligados diretamente a fatores socioeconômicos, resultados e conclusões da pesquisa realizada para iniciar a produção do documentário.

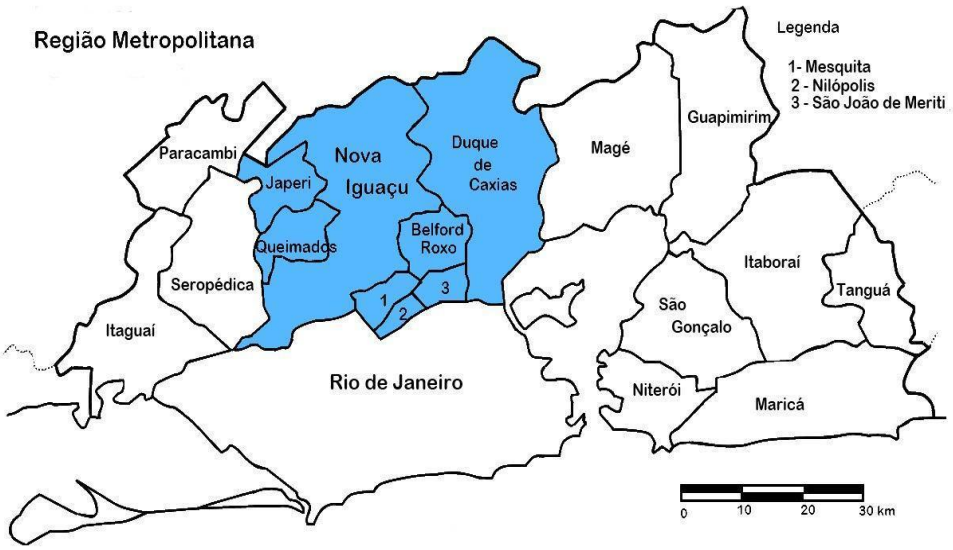
No decorrer da pesquisa, e diante da pluralidade de informações levantadas e questões encontradas, verificou-se que o documentário precisaria extrapolar os limites do município e da região, transformando o produto audiovisual em um documentário sobre cinemas de rua de maneira geral, sem se limitar à Baixada Fluminense e, assim, ampliando as possibilidades de discussão a respeito do tema.

Na condição de memorial do referido documentário, o presente artigo compartilha com seus leitores a experiência da produção audiovisual independente, dissecando as etapas da pré-produção e produção.

Para realizar a pesquisa, além do indispensável embasamento teórico relacionado ao tema, foi necessária uma rigorosa pesquisa de campo, para a qual contamos com a ajuda do jornal "Correio da Lavoura", primeiro jornal impresso do município de Nova Iguaçu, fundado em 1917 e ainda em circulação.

O início do começo

Quando se fala de Baixada Fluminense, nos referimos a um conjunto de municípios situados na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Contudo, não há um consenso entre os pesquisadores sobre quais municípios compõem a Baixada Fluminense, portanto, usaremos como referência a delimitação feita por Monteiro (2001), que descreve a Baixada Fluminense como sendo composta pelos municípios emancipados da Grande Iguaçu, atual Nova Iguaçu, que por sua vez coincide com o mapa de distribuição dos cinemas (aparatos exibidores) utilizado por antigas distribuidoras do Rio de Janeiro e São Paulo. São eles: Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados e São João de Meriti, conforme mapa abaixo.



Fonte: Simões, 2011, p.219, mapa 4.30 (adaptado)

A ocupação da região começa no século XVI, juntamente com o povoamento da Baía de Guanabara pelos franceses e, posteriormente, pelos portugueses, após expulsarem, com a ajuda dos índios Temiminós, os franceses da região. Os portugueses iniciam o cultivo agrícola no local, sempre com o intuito de abastecer a cidade do Rio de Janeiro ou exportar para Portugal. Por conta disso, estabelecem-se na região da Baixada Fluminense, ao longo das décadas, grandes fazendas policultoras, lavouras e engenhos (de açúcar e posteriormente café), que se expandem até a atual configuração da área. A região ganha destaque no final do século XIX quando, na região de Maxambomba (atual centro do município de Nova Iguaçu), que no mesmo período é rebatizada de Iguaçu, começa-se a implantação da citricultura, tornando a cidade promissora e influente nos níveis político e econômico. Com a abolição da escravatura, torna-se inviável para os proprietários a manutenção dessas grandes fazendas, que passam a ser loteadas para pequenos produtores que detinham mão de obra familiar. Inaugura-se o primeiro ciclo migratório significativo direcionado a Nova Iguaçu, e a cidade caminha rumo à urbanização. Durante a primeira metade do século XX, a cidade do Rio de Janeiro passou por diversas reformas urbanas, que inicialmente deslocava os trabalhadores para as periferias do próprio centro e depois, em consequência da superlotação da periferia do centro, para as periferias do estado. Estas reformas contribuíram muito para a migração para a baixada fluminense, juntamente com a inauguração da linha de ferro D. Pedro II, que realizava transporte de passageiros e possuía em Nova Iguaçu a estação Maxambomba (atual estação de Nova Iguaçu). O *boom* populacional se dá após a segunda Guerra Mundial, que faz com que a citricultura entre em

crise e força o loteamento das falidas fazendas produtoras a preços baixos e com pouca fiscalização dos órgãos competentes, atraindo compradores. Nesta época, Nova Iguaçu, já assim batizada, sofre suas duas primeiras emancipações. A primeira é a do município de Duque de Caxias, em 1943, que leva consigo o território que mais tarde se tornaria São João de Meriti; em 1947 é a vez de Nilópolis. (SIMÕES, 2011).

Este processo de urbanização muito nos interessa, a fim de determinarmos quando (e por que) se deu o surgimento de cinemas na baixada fluminense, em especial em Nova Iguaçu, nosso objeto de estudo.

A primeira programação de cinema do atual município de Nova Iguaçu é publicada nos início da década de 1920, no Jornal Correio da Lavoura. Mas a data de inauguração e local do primeiro cinema de Nova Iguaçu são desconhecidos, não havendo nenhum registro conhecido que contenha estas informações. Entretanto, podemos inferir as razões de seu aparecimento naquela região levando em consideração alguns dados. Primeiro, a chegada de energia elétrica em alguns pontos da baixada fluminense após a instalação da "Rio de Janeiro Tramway, Light and Power" em 1904, que possibilitou, inclusive, a implantação de salas fixas de exibição na cidade do Rio de Janeiro.(GOMES, 1980). Outro fato relevante que explicaria o porquê da existência de cinemas na região são os hábitos da elite iguaçuana, que estavam profundamente ligados aos hábitos europeus, principalmente franceses. Vale lembrar que, nesta época, os costumes franceses eram referência e símbolo de *status*. Os filhos da elite eram enviados à França para realizarem seus estudos, e muito do que se realizou culturalmente no país tinha como molde a França. A primeira reforma que fomentou, mesmo que em pequena escala, a migração para a baixada fluminense, foi a conhecida Reforma Passos, realizada pelo então prefeito Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro, cuja inspiração era a última reforma urbana em Paris. (SIMÕES, 2011)

O cinema iguaçuano mais antigo por nós localizado foi o "Cine Verde", cuja fundação data de 1924, sendo, portanto, posterior à publicação da supracitada programação no Correio da Lavoura. O "Cine Verde", à época conhecido como "Cinema Verderosa" e, posteriormente, "Cinema Verde", ficava na Praça da Liberdade que abrigava, além do cinema, diversos bares bastante frequentados pela elite iguaçuana, como o "Café e Bilhares Elite". Outros dois exemplos são o "Cinema Nilópolis", fundado em 1925 e o "Cine Teatro Imperial", fundado em 1937, ambos pertencentes a influentes proprietários de Nova Iguaçu e localizados em locais frequentados pela elite local. (CINE, 2012)

Conforme mencionado anteriormente, a crise da citricultura forçou os proprietários a

lotear suas terras e investir em novos negócios, fomentando uma grande migração para a baixada fluminense.

> A reestruturação econômica exigirá a recomposição do tecido social o que provocará o surgimento de novas classes sociais e a extinção de algumas. A elite local terá que se readaptar as transformações econômicas e migrar para outras atividades econômicas não ligadas as atividades agrícolas [...] (SIMÕES, 2011, p.143).

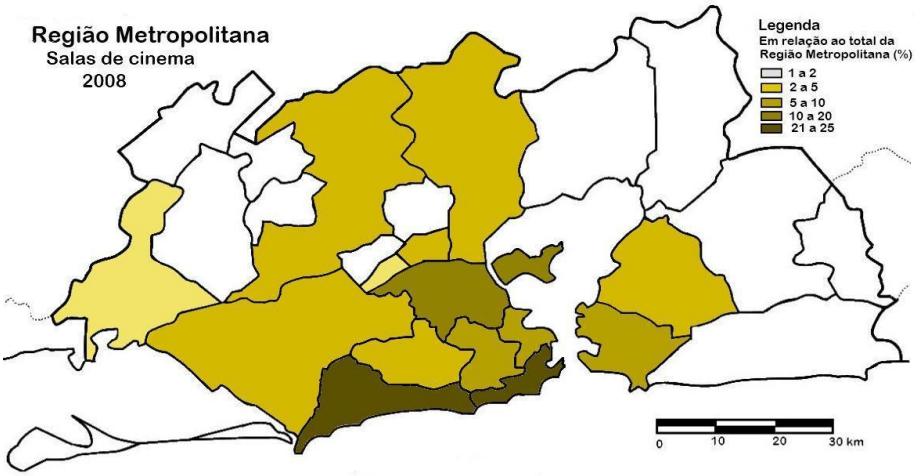
Não por coincidência, entre finais da década de 1940 e 1950 foram criados nada mais que vinte e seis cinemas em Nova Iguaçu. Dentre eles, o Cine Iguaçu se tornou o mais conhecido da região, tendo sido inaugurado por um importante proprietário de terra em 1952, com 1017 lugares. Desta vez, a configuração da distribuição das salas de cinema não se dá em torno das localizações nobres, apesar do maior número de salas ainda se encontrarem no Centro, mas espalhadas pelo município, atendendo à nova classe econômica de Nova Iguaçu formada por migrantes e pequenos produtores. Sendo os únicos aparatos culturais fixos[4] da cidade e por configurarem uma opção de baixo custo, rapidamente os cinemas foram incorporados às práticas de lazer das novas classes econômicas iguaçuanas. (CINE, 2012; SIMOES, 2011)

As próximas três décadas seriam prósperas economicamente para as salas de cinemas, não só da Baixada Fluminense, mas do Brasil como um todo, já que nesse período, além do aumento de importação de títulos estrangeiros para exibição, o mercado cinematográfico brasileiros passa por importantes estímulos. Vale destacar a criação da Cinemateca Brasileira em São Paulo no ano 1956, do curso de Cinema e Vídeo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo em 1966, do "Festival de Brasília do Cinema Brasileiro" em 1967 e da Embrafilme em 1969. Sá-Earp e Sroulevich (2009, p. 182) apontam que na década de 70 os cinemas brasileiros atingiriam a marca de duzentos milhões em vendas anuais em bilheteria. Em paralelo, contudo, anuncia-se sorrateiramente um futuro nada promissor para os cinemas de rua de todo o Brasil. Nesta época, as pornochanchadas (até hoje mal compreendidas) conquistavam o público mas desagradavam os críticos e autoridades, que começam a negativar não só os filmes mas a imagem dos cinemas que os exibiam. As salas de cinema têm sua primeira perda de público. Chega a década de 80 e, com ela, uma série de fatores que agravarão a situação dos cinemas de rua. Os aparelhos de fita VHS popularizam-se e permitem que a população não tenha mais que se deslocar aos cinemas para assistir a um filme. E para finalizar a decadência dos cinemas

[4] Os circos itinerantes e, na década de 1960, a criação do parque de diversões "Santos Dumont" eram as escassas opções de lazer existentes na região.

de rua, o Brasil pós-regime militar entra em uma recessão econômica que afeta todos os setores, em paralelo a uma forte especulação imobiliária. Os cinemas já não tinham como se manterem e iniciam seus fechamentos. Os poucos que insistem tornam-se, em sua maioria, exibidores de títulos pornográficos. Esta crise se deu em nível nacional; portanto, na Baixada Fluminense não foi diferente. Em Nova Iguaçu apenas um de seus cinemas de rua ainda está em funcionamento exibindo somente filmes pornográficos. (MELEIRO, 2010; SIMIS, 1996)

Hoje o número de cinemas em toda a baixada fluminense reduziu-se a poucas salas dentro dos *shopping centers*, e alguns municípios simplesmente não possuem uma única sala sequer, conforme mostra o mapa abaixo.



Fonte: Simões, 2011, p. 16, mapa 1.1 (adaptado)

O documentário: seus desafios e aprendizados

Os desafios para a produção do documentário começaram bem antes de sua pré-produção, ainda na fase de pesquisa para o projeto. Até então não existia nenhuma produção (livro, trabalho acadêmico, documentários...) que contemplasse os cinemas de rua da Baixada Fluminense. Ao contrário do que acontece no Rio de Janeiro em relação a alguns de seus antigos cinemas de rua, os poucos prédios existentes (e resistentes) encontram-se em abandono e não há projetos ou investimentos públicos ou privados para o aproveitamento e nem conservação desses espaços, diferentemente do que acontece, por exemplo, com o cinema "Odeon", na Cinelândia carioca, que possui patrocínio da "Petrobrás". A história desses cinemas não foi registrada por ninguém, suas datas de fundação, seus endereços, proprietários, eram apenas peças turvas de um quebra-cabeça então difícil de dimensionar. Coube à pesquisa iniciar o resgate dessa história e suas

memórias.

O principal agente facilitador deste resgate foi novamente o jornal "Correio da Lavoura" que disponibilizou seu acervo para pesquisa, tornando possível encontrarmos um direcionamento através de suas reportagens. A maior conquista, e poderia se dizer "descoberta", viria a ser um catálogo que circulava entre antigas distribuidoras cinematográficas do Rio de Janeiro e São Paulo na década de 60 que continha, dentre as suas muitas listagens, as salas de cinemas da Baixada Fluminense em funcionamento no período citado e contempladas por tais distribuidoras. O catálogo continha, além de informações técnicas como, por exemplo, tipo de projetor utilizado e dias de funcionamento, os respectivos endereços e datas de fundação dos cinemas.

À medida que a pesquisa avançava, houve a oportunidade de se entrar em contato com outros projetos e trabalhos existentes na cidade do Rio de Janeiro a respeito dos cinemas de rua, que permitiram ampliar discussões sobre o tema. Exemplos destes trabalhos foram o projeto "Cine Fantasma" que através de projeções em fachadas de cinemas extintos resgata a memória destes espaços; a reabertura do cinema "Cine Joia" em Copacabana e seus novos projetos para retomada do público, o livro[5] de Talitha Ferraz sobre os cinemas de rua da Tijuca (bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro) e o trabalho de diversos cine clubes, inclusive na Baixada Fluminense, que hoje suprem a falta de salas de exibição em certas localidades. Registra-se, ainda, a participação da equipe em debates acerca do tema, no contexto de eventos de cinema e cultura, caso do debate promovido pelo "Cine Fantasma" dentro da "Mostra do Filme Livre 2013" no Rio de Janeiro, e da mesa sobre políticas públicas para os cinemas de rua promovido pela "Casa da Cidade" em São Paulo, no mesmo ano, mostrando que o tema está em voga.

Vistas as infinitas possibilidades de discussões sobre o tema, optou-se por expandir a abordagem do documentário para abarcar estas outras vertentes temáticas, sem abandonar sua inspiração inicial, que eram os cinemas de rua da baixada Fluminense.

Após esta decisão teve início a pré-produção do documentário "Tempo de Projeção" e os alunos envolvidos no projeto passam a desempenhar a função de produtores, colocando em prática conhecimentos adquiridos até então no curso de Produção Cultural.

O primeiro passo foi determinar onde, como e com quem o documentário seria realizado. A escolha da locação para o documentário já estava desde o princípio idealizada.

[5] "A Segunda Cinelândia Carioca: cinema, sociabilidades e memória na Tijuca" de Talitha Ferraz [referência], serve de referência para a pesquisa do projeto "Entre palácios, poeiras e memórias: os cinemas de rua da Baixada Fluminense" e também para o presente artigo.

Queríamos um cinema de rua. Mas qual? Visto que os impulsionadores da pesquisa foram os cinemas de rua da Baixada Fluminense e, posteriormente, os cinemas de Nova Iguaçu, compreensível que fosse um cinema de rua em Nova Iguaçu. Mas novamente, qual? Com a lista das distribuidoras em mãos, foi-se em busca dos mais antigos cinemas, na expectativa de encontrar um local que pudesse despertar o fascínio que muitas construções antigas são capazes de despertar, oferecendo um certo *glamour* à locação do documentário. Tamanha foi a surpresa e frustração ao descobrir que dos trinta e dois cinemas de cuja existências se tomou conhecimento em solo iguaçuano, foi possível descobrir a localização e o destino de apenas quatro deles, todos localizados no centro do município, conforme quadro elaborado pelos alunos e pesquisadores do projeto com estes dados.

Nome	**Fundação**	**Endereço**	**Estado Atual**
Cine Verde	1924	Praça da Liberdade, 64	Loja de eletrodomésticos
Cine Iguaçu	1952	Praça Antônio Flores Teixeira, 25	Fechado
Cine Teatro Center	Desconhecida	Rua Marechal Floriano Peixoto, 1480 – sala 256	Das três salas que possui uma ainda funciona para exibição de filmes pornôs e duas estão abandonadas
Cine Pavilhão	1949	Rua Otávio Tarquino, 50	Agência Bancária

Os demais cinemas não localizados bem poderiam nunca ter existido se não fosse pela memória de poucos frequentadores sobre alguns deles. Associa-se a não localização destes cinemas a dois principais fatores. O primeiro, já mencionado anteriormente, é a falta de informações sobre estes cinemas. O outro fator não menos importante que impossibilitou a localização, mesmo dos cinemas a cujo endereço tivemos acesso (por meio do catálogo das distribuidoras), foi o processo de mudança dos nomes das ruas do município, ocorridas várias vezes em decorrência das tantas mudanças políticas da região. (AMARAL, 2001). Localizar estes cinemas através dos endereços demandaria um trabalho investigativo que levaria muito mais tempo do que o disponível para terminar a pesquisa.

Como o único cinema existente que ainda possuía sua configuração original mantida

era "Cine Teatro Center", este acabou sendo o escolhido como espaço de locação. Em busca do proprietário da sala, a fim de conseguirmos autorização para uso do espaço, fomos parar em Duque de Caxias, onde o mesmo mantinha outro cinema de rua em funcionamento com duas salas, o cinema "Santa Rosa". Uma sala é destinada a exibição de filmes pornôs e a outra a filmes não pornôs. O cinema ainda mantém suas características originais, inclusive a exibição de filmes em película. O pedido para utilização do "Cine Center", sem qualquer tipo de exigência financeira, foi recebido positivamente, junto com boas memórias compartilhadas pelo gerente da sala sobre os vários cinemas onde já trabalhou em sua vida profissional, que já tem mais de cinquenta anos. Seu nome? José Henrique, mas é conhecido carinhosamente por Zé Grande pelos moradores da região.

Definido o espaço para realizarmos as gravações, a etapa seguinte dizia respeito a como o documentário seria realizado: de quais equipamentos, ferramentas e mão de obra se dispunha e quais ainda seriam necessários.

Uma primeira necessidade imediata dizia respeito à limpeza da sala, que encontrava-se repleta de entulhos e muita sujeira; como a sala estava desativada há muito tempo, a rede elétrica era bastante comprometida, daí a urgência de um eletricista e diversos materiais elétricos. Antecipou-se, ainda, a necessidade de outros profissionais para auxiliar na produção e pós-produção, como diretor de fotografia, motorista para realizar o transporte dos entrevistados e do equipamento, e um produtor musical[6]. Outras funções necessárias seriam desempenhadas pela produção (os três alunos do projeto) e o orientador que assumiu também a função de diretor do documentário. A verba oriunda do edital FAPERJ mencionado no início do artigo supriu algumas demandas de equipamentos, como câmeras profissionais, tripés, microfones, cabos e refletores fresnel. Os outros materiais e profissionais envolvidos foram custeados com verba proveniente do edital PROCIÊNCIA concedido pelo IFRJ.

A última e fundamental etapa foi a escolha dos personagens. A equipe do documentário estimava a participação de pessoas que estivessem envolvidas diretamente com os cinemas de rua, e principalmente que tivessem frequentado este tipo de cinema. Começou-se uma caça por dois grupos de personagens: profissionais do cinema e frequentadores anônimos. Do primeiro grupo, logo após os primeiros contatos, obtivemos rápidas respostas. Produtor audiovisual, gerente de cinema de rua, criador de cine clube,

[6] Foi desejo unânime da equipe a composição de uma trilha original para o documentário por isso se fez necessário a contratação de um produtor musical

pesquisador, cineasta, ator: estas foram algumas das categorias de profissionais que, para felicidade do projeto e em função do interesse demonstrado, confirmaram sua participação no projeto sem quaisquer contrapartidas financeiras. A grande frustração, por outro lado, foi ter recebido respostas em número bastante inferior ao almejado, dos frequentadores das salas de cinema da baixada fluminense, mesmo utilizando-se dos meios mais populares como redes sociais (através das páginas dos municípios) e publicações em jornais regionais. O número de frequentadores de outras regiões foi muito superior. A participação daqueles que eram público durante o funcionamento dos cinemas de ruas é de extrema importância, pois foram eles que construíram a história e compuseram a memórias destes espaços.

Finda a pré-produção, iniciaram-se as gravações, que constituíram para a equipe uma jornada prazerosa de aprendizagem sobre uma produção independente. As múltiplas funções desempenhadas contribuíram não só para adquirir conhecimento, mas também para engrandecimento pessoal e profissional da equipe que, não se pode deixar de mencionar, apegou-se emocionalmente ao espaço de locação. “O que acontecerá com ele depois que terminarmos?”, é a pergunta feita ao final de cada dia de gravação. Para aguçar as emoções e antecipar um clima de despedida, o hall de entrada deste cinema ostenta uma placa de “Aluga-se”, o que deixa mais incertezas quanto ao futuro da sala.

Considerações Finais

Não se pode deixar de expor a simbologia de se produzir um documentário no Brasil e o quão metalinguístico “Tempo de Projeção” veio a ser.

A produção de documentários no Brasil é bastante relevante tanto no que concerne ao número de produções quanto ao papel antropológico que desempenha ao se afirmar como uma linguagem adequada para expor, registrar e levantar discussões acerca de assuntos variados pertinentes ao Brasil, e que geralmente dizem respeito às classes não hegemônicas. (LINS; MESQUITA, 2008)

> [...]a partir de 1962, encontramos a presença das novas opções estilísticas do documentário mundial exercendo imediatamente uma forte influência no Brasil. A abertura para o ritmo e pulsação do mundo,e, de preferência, para o mundo dos excluídos, dá o tom desta produção. (RAMOS, 2004, p.83).

Talvez a abordagem de tais assuntos tenha causado uma aproximação com o público que cada vez mais tem se atraído pelo cinema documentário.

A discussão acerca dos cinemas de rua vai além do saudosismo por uma época em que ir ao cinema era um ritual. Quando analisado o processo de desaparecimento desses

cinemas de locais como a Baixada Fluminense onde, em alguns municípios, estes eram os únicos aparatos culturais e opção de lazer, fica exposta a importância desses espaços em determinadas regiões, agora deficientes em dois campos importantíssimos a qualidade de vida de uma população, a cultura e o lazer.

Quando levamos as discussões sobre os cinemas de rua para outras regiões podemos observar que o papel de tais espaços se altera conforme particularidades locais. Isto se relaciona com o fato de cada região ter suas próprias memórias, histórias e demandas culturais.

O cinema de rua na atualidade pode ser uma ótima opção para locais afastados dos grandes centros urbanos ou que não tenham salas de cinema. Já nos grandes centros, seu molde pode servir para a criação de espaços multiculturais, como foi o caso do "Imperator" no Méier, na zona norte do Rio de Janeiro. Outra alternativa é servir de aparato exibidor a filmes fora dos circuitos multiplex, como forma de oferecer ao público simplesmente mais opções e uma maior liberdade na partilha da experiência do cinema. As possibilidades são amplas e as discussões são infinitas. O documentário "Tempo de Projeção" serve justamente de palco para essas discussões e permite que se explore os diversos elementos relacionados ao tema, além de resgatar e registrar a memória de antigos espaços que colaboraram para a história do cinema no Brasil.

Concluída a etapa de produção, estipula-se que a pós-produção do documentário termine em dezembro. Espera-se que, ao final do processo, o curta "Tempo de Projeção" ganhe também as ruas participando de circuitos e festivais e que tenha a oportunidade de ser exibido em seu elemento inspirador: o cinema de rua. Sempre convidado seus espectadores a reflexão não só a respeito dos cinemas de rua, mas do espaço que o audiovisual vem retomando na vida dos brasileiros e suas possibilidades enquanto cultura, profissão e lazer.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Francisco. Francisco Amaral (depoimento, 1999). Rio de Janeiro: CPDOC/ALERJ, 2001.

CINE Mafalda. Relação de Cinemas Antigos de Rua do Brasil em atividade nos anos 60. Disponível em http://cinemafalda.blogspot.com.br/2010/01/nova-iguacu.html. Acesso em 24 out. 2012

FERRAZ, Talitha. A Segunda Cinelândia Carioca: cinema, sociabilidades e memória na Tijuca. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

FERREIRA, Flávia. Cadê os cinemas de praça de Nova Iguaçu? Disponível em http://jovemreporter.blogspot.com/2008/04/cad-os-cinemas-de-praa-de-nova-iguau.html. Acesso em 24 out. 2012.

GOMES, Paulo Emílio Salles. Cinema: trajetória do subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ Embrafilme, 1980.

LINS, Consuelo e MESQUITA, Cláudia. Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. São Paulo: 1998.

MELEIRO, Alessandra (org.). Cinema e economia política. São Paulo: Escrituras, 2010.

MONTEIRO, Linderval Augusto. Baixada Fluminense: identidades e transformações. Estudo de relações políticas na Baixada Fluminense. A criação do município de Belford Roxo e mitificação do seu primeiro prefeito. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ/IFCS, 2001.

RAMOS, Fernão Pessoa. Cinema Verdade no Brasil In: Documentário no Brasil - tradição e transformação. São Paulo: Summus, 2004, p. 81-97.

SÁ-EARP, Fabio e SROULEVICH, Helena. O mercado de cinema no Brasil. In: Mauricio Siqueira. (Org.). Políticas culturais: reflexões e ações. Rio de Janeiro e São Paulo: Casa de rui Barbosa e Itaú cultural, 2009, v., p. 181-199.

SIMIS, Anita. Estado e cinema no Brasil. São Paulo: Annablume, 1996.

SIMÕES, Manoel Ricardo. Ambiente e sociedade na Baixada Fluminense. Mesquita: Ed. Entorno, 2011.